

## 2015 - A Crise humanitária no al-Bahr al-al-Abyad Mutawassim, a quem imputar culpas?

A Crise humanitária no al-Bahr al-al-Abyad Mutawassim,

a quem imputar culpas?

por: Eugénio Costa Almeida©

Desde há umas épocas que o al-Bahr al-al-Abyad Mutawassim (nome árabe do Mar Mediterrâneo, cuja tradução literal é Mar Branco do meio ou Mar Interior) é o palco de imagens e meio de fugas marítimas de migrantes e refugiados para o continente europeu visando procurar melhores condições de vida ou salvação das suas vidas em zonas de risco económico e, ou, militar. Quantas vezes não assistimos a imagens televisivas de magrebinos e africanos das zonas entre o Sahel e centro-africano tentarem fugir para as possessões espanholas em Marrocos, Ceuta e Melilla, procurando passar por cima de muros e vedações que circulam aquelas cidades hispano-marroquinas e, através delas, chegarem ao, aquilo que para ele é, o El Dourado económico, social e, pelo menos, isento de conflitos armados. Só que as situações pontuais que se verificavam foram substancialmente alteradas. Primeiro na Líbia, aproveitando a onda da Primavera Árabe, devido a intervenção armada para derrubar o ditador — assuma-se o título que lhe pertencia claramente — Muammar Kadhafi (ou Khadafi, ou al-Gaddafi). Um ditador que “sustentou” alguns políticos e líderes europeus (Blair ou Sarkozy, só como exemplos). Interessante; e o resultado está à vista. Depois de uma periclitante estabilidade política e militar pós-intervenção o país — considerado por muitos como um exemplo de estabilidade social (ainda que manufacturada e dominada pela cúria kadhafiana) — entrou numa espiral político-militar cujas consequências estão à vista de todos os que a provocaram. Sabe-se, hoje, que a Europa pagava a Kadhafi para manter no seu país muitos dos migrantes que tentavam aceder ao Continente Europeu. Recordemos a quantidade de africanos que regressaram a alguns dos seus países bem armados e de onde emergiram grupos extremistas e jihadistas bem armados cujas actividades continuam bem evidentes: Boko Haram (Nigéria, Camarões e Chade), Al Qaeda no Magrebe Islâmico — apesar de ter sido criado em 1998, inicialmente sob o nome de Grupo Salafista para Pregação e Combate, recrudescer com a queda do ditador líbio —, Ansar al-Sharia (Líbia e Tunísia), ou o Ansar Dine (Mali). Muitos dos migrantes e refugiados que, inicialmente, debandavam a Europa, via marítima, para ilha italiana Lampedusa, a mais próxima do continente africano, provinham, precisamente, da Líbia. Outros, muito menos e de forma esporádica, saíam de Argélia ou da Tunísia. A Líbia tinha-se tornado num enorme palco de chacinas entre os diferentes grupos armados resultantes da inicial revolta dos habitantes de Bengazhi contra os líderes de Trípoli e aproveitada pela coligação euro-americana para o derrube do ditador, o mote foi a resolução 1973 da ONU, que estabelecia apenas uma zona de exclusão aérea e que, não poucas vezes, foi desrespeitada pelas forças aéreas que operavam na Líbia. Recordemos que para as manifestações anti-Kadhafi muito contribuíram, não só a germinação da emergente Primavera Árabe, como, também — e este é uma das razões que igualmente proliferam pelo nosso Continente e que alguns persistem em ignorar —, pelas manifestações contrárias à sua “eterna” manutenção no poder; o país acabou ficando dividido, pois uma parte significativa do exército — principalmente as forças pretorianas que o protegiam — continuou fiel ao ditador enquanto os insurgentes ficavam, inicialmente, fragmentados em diferentes etnias. As maiores divergências estavam entre as regiões de Bengazhi, que concentra boa parte das reservas de petróleo da Líbia e foi o berço dos rebeldes, e Trípoli, capital do país e local de organização das tropas oficiais e partidários de Kadhafi. E os insurgentes voltavam a ficar divididos. É certo que Kadhafi mostrava apresentar, nos últimos tempos, alguma alteração de personalidade como se atestava pelos títulos que se auto-intitulava; desde rei dos Reis Africanos, a futuro Presidente dos Estados Unidos de África, entre outros. Mas também é certo que foi muito lúcido quando previu as consequências que teriam para a Europa se ele fosse derrubado. Recordemos algumas das suas “proféticas” palavras, nomeadamente as proferidas em Março de 2011, quando numa entrevista à revista francesa «Le Journal du Dimanche», previu, entre outros pontos: i) Se nos ameaçarem, se nos desestabilizarem, iremos à confusão, a bin Laden, a grupos armados. Vocês (Europa) terão imigração, milhares de pessoas que invadirão sem piedade a Europa a partir da Líbia; e não haverá ninguém para detê-las: ii) Haverá uma jihad islâmica (primeiro pacífica, tipo humanitária) diante dos Europeus, do Mundo, mesmo no mediterrâneo; haverá actos de pirataria aqui às suas portas; os homens de bin Laden irão cobrar enormes resgates em terra, ou no mar. Será realmente uma crise mundial e uma catástrofe para todo o Mundo. Palavras proféticas que só erraram no “cobrador”; não é bin Laden e a al-Qaeda, mas o Estado Islâmico que prolifera no Iraque, na Síria e em várias parcelas territoriais da Líbia! E é também da Síria, em elevado número, mas também do Iraque, que fogem muitos dos refugiados que demandam a Europa, seja tentando entrar através da Grécia via Turquia, seja através do norte de África, nomeadamente através do Egipto e Líbia, para as ilhas italianas. Fogem dos conflitos que insurgentes, numa primeira fase, levam a efeito contra o regime sírio autocrático de Bashar Al Assad, e dos ataques que o EIL (Estado Islâmico do Iraque e do Levante (também dito EI, ISIS ou Daesh) tem efectuado, e com grande à-vontade, diga-se, na Síria e no Iraque, mas ameaçando levar a sua onda destruidora através do Norte de África (já receberam o apoio e a submissão de alguns jihadistas desta região) até al-Andaluz (Península Ibérica). E qual tem sido a resposta da Europa ao este enorme fluxo de migrantes e refugiados? Um constante debate interno onde uns dizem, claramente, “não”; outros dizem “temos de ajudar,

mas...&rdquo;; e outros manifestam total disponibilidade para acolher refugiados, esquecendo, os que migram devido questões económicas. A Alemanha é um dos casos em que já disse só &ldquo;aceita refugiados sírios&rdquo;. Esta é uma das razões porque muitos dos que aportam à Europa se dizem serem sírios, embora todos constatem que entre os refugiados há afegãos, paquistaneses, iraquianos, eritreus, somalis e outros africanos. Mas como provar perante a falta de documentação que muitos evidenciam com as fugas e com os resgates marítimos? Ou seja, e que se diga isto abertamente, há uma profunda hipocrisia da Europa, em particular da União Europeia, mas também e isso muitos têm &ldquo;transparentemente&rdquo; omitido, dos países árabes. Para estes, como demonstra uma certa e crítica anedota, nada sabem, nada vêem e nada ouviam! Ou seja, a crise humanitária que trespassa o Mediterrâneo é, parece, só dos europeus; para os árabes &ndash; e não só, até hoje ninguém ouviu os russos oferecerem-se para acolher refugiados e estão, também eles, metidos na crise síria &ndash; foram aqueles e os norte-americanos que a criaram com as suas intervenções pouco diplomáticas- Logo que sejam os europeus e os seus aliados a resolverem-na.

©Artigo de Opinião publicado no semanário angolano Novo Jornal, ed. 401 de 9-Outubro-2015, secção &ldquo;1º Caderno&rdquo;, página 20.